

Sexualidade sob a ótica do aluno com deficiência

Emika Tanaka Shicasho

Eduardo José Manzini

Como citar: SHICASHO, E. T.; MANZINI, E. J. Sexualidade sob a ótica do aluno com deficiência. *In:* MANZINI, E. J.; BRANCATTI, P. R. (org.). **Educação Especial e Estigma:** corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 133-154. DOI: <https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p133-154>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

SEXUALIDADE SOB A ÓTICA DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA¹

Emika Tanaka SHICASHO²

Eduardo José MANZINI³

A sexualidade sempre esteve presente e sempre foi objeto de domínio humano. Apesar da essência presente, a forma de manifestação foi modificada ao longo da história.

Segundo Foucault (1985) sexualidade significava sobrevivência, e o amor livre era uma norma. Os filhos provenientes dessa prática eram cuidados e criados por todos os membros da sociedade. As mães eram certas, importantes, possuíam as rédeas e controle grupal. Os pais não eram certos, mas viviam harmoniosamente (Foucault, 1985, p.8).

Segundo o mesmo autor:

O comportamento era sem repressão, viviam naturalmente, não tinham vergonha de mostrar seu corpo. No século XVII, as práticas sexuais eram sem segredos, as coisas sem disfarces, os gestos eram diretos, os discursos sem vergonha, as transgressões eram visíveis, anatomias eram mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre risos dos adolescentes: os corpos pavoneavam. (Foucault, 1985, p.9)

O sexo era natural, não existia empecilho. O homem utilizava livremente as sensações e os prazeres. Isto provocava uma espécie de erotismo discursivo generalizado (Foucault, 1985, p.34).

¹ Trabalho final apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial - Unesp - Campus de Presidente Prudente, convênio UNESP/CAPES/PROESP, 1997/1998. Agradecemos as sugestões da professora Lígia Maria Presumido Bracciali, docente do Depto de Educação Especial da UNESP de Marília.

² Aluna do Curso de Especialização e professora aposentada.

³ Docente do Departamento de Educação Especial da Unesp - Campus de Marília e orientador da pesquisa.

Em relação à sexualidade das crianças eram indiferentes, não se preocupavam com os acontecimentos e seus comportamentos. Com o decorrer dos tempos, o comportamento foi se modificando, em consequência as correntes contrárias, embasadas nos princípios religiosos, foram criando grupos e sendo controlado, tornando restritamente o canto de incitações (fala e discurso do sexo) que transmitiam as aprendizagens sobre sexualidade. (Foucault, 1985, p.34)

Historicamente, o conceito de sexualidade muda:

Com a restrição, surgem idéias que a sexualidade é confundida com o casamento, que o objetivo máximo de um e do outro era a procriação: como consequência natural, amor e fertilidade acabavam se identificando na mente popular. (Vainfas, 1986, p.13)

Evidenciou-se uma ética cristã que seguia os preceitos ditados pela sociedade no Brasil-Colônia, manifestando tanto na camada social culta como na popular.

O comportamento dos jovens e adultos passou a ser controlados em consequência das depravações cometidas pelos homens.

No século XVIII surgem lugares certos, definidos, obrigatórios de afetos, de sentimentos, de amor e paixão. A sexualidade teria como eclosão à família (Foucault, 1985, p.103).

A valorização da família torna-se o elo para o controle comportamental dos seres humanos. Introduz-se o controle patriarcal, a família como fundamental, no controle aos atos, tentando não envolver as crianças, omitindo os acontecimentos, dando início a valorização do segredo, mudando o comportamento pessoal dos adultos e da sociedade.

Surgiram censuras maciças a partir das decências verbais impostas pela época clássica (Foucault, 1985, p.35).

Aparecem códigos para controlar o sexo, as práticas sexuais, a fidelidade e o incesto espiritual, através dos direitos canônicos, a pastoral cristã e a lei civil.

A separação de quartos, crianças e pais, cada qual com seu compartimento que passou a ser controlado canonicamente. Segundo Foucault:

No decorrer de séculos, habitações populares, a segregação relativa entre meninos e meninas, as regras restritas sobre cuidados com os bebês (amamentação materna, higiene), a atenção centrada na sexualidade infantil, os supostos perigos da masturbação, a importância atribuída à puberdade, os métodos de vigilância sugeridos aos pais, as exortações, os segredos, os medos e a presença ao mesmo tempo valorizada e temida dos serviços, tudo faz da família, mesmo reduzida as suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis. (Foucault, 1985, p.46)

Como se não bastasse as leis canônicas, surgiram as leis civis que perseguiram os seres humanos transformando-os em *vítimas de escândalos e perigosas presas de um estranho mal que foi transformando em nome de vício* e, às vezes de delito. As pessoas possuidoras do estranho mal foram consideradas aparentemente como loucas, carregaram o estigma da loucura moral, da neurose genital, da aberração do sentido genésico, da degenerescência ou do desequilíbrio psíquico (Foucault, 1985).

Esses tipos de comportamentos foram se alastrando ultrapassando o século XIX e seus efeitos continuaram influenciando o século XX.

Vivemos numa sociedade repressiva, cheia de segredos onde os sentimentos sexuais são tratados de forma restrita, como mitos, tabus e crenças dominantes na comunidade.

Existe muita polêmica a respeito do tema sexualidade. Alguns grupos querem que as informações cheguem corretamente, outros tentam omiti-las ainda presos aos conceitos advindos da repressão. O prejudicado é o próprio ser humano. Talvez a informação pudesse prevenir tantos distúrbios, sejam eles emocionais ou sociais, os traumas, os conflitos, as neuroses decorrentes dos momentos vivenciados de indecisões, de inseguranças e opressões sofridas na infância e na adolescência.

Segundo Assumpção (1993, p. 76) a qualidade da vida sexual, inicia-se no nascimento e continua através da vida. Esta qualidade é parte integrante da vida integral do indivíduo. Não existe no ser humano um ciclo biológico da sexualidade, amamos e sentimos prazer, desde criança, vivemos dias e dias abraçados a pessoa amada, o olhar, o toque, os movimentos adquirem uma intensidade erótica. Muitas vezes superior a de uma relação sexual.

Quando amamos, a nossa vida física e sensorial se expande e intensifica, desenvolvendo a inteligência, a imaginação, a fantasia, a objetividade, a paz e a subjetividade (Alberoni, 1988, p.10).

Esses acontecimentos são decorrentes do próprio viver sadio e espontâneo, acontecendo com pessoas normais e especiais. Porém, quando o tema sexualidade torna-se presente ainda levanta mitos e tabus.

No contexto escolar, mais especificamente no que se refere ao aluno com deficiência, o tema sexualidade toma um grande vulto, pois, ainda existe o mito de que o aluno, a criança, o jovem deficiente são assexuados.

A partir dessa questão, objetivou-se estudar este tema junto a crianças e adolescentes deficientes (auditivo, mental e físico) para melhor compreender como esses pensam e interpretam a sexualidade.

Desenvolvimento do estudo

Participaram dessa pesquisa seis alunos com deficiência, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades variando de oito a doze anos. No quadro a seguir, apresentamos um resumo das principais características dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Principais características dos participantes da pesquisa.

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Tipo de Deficiência
Br.	Masc.	08	Classe especial	Deficiência física
Ta	Fem.	09	Classe especial	Deficiência física
Iã	Masc.	12	3ª. série	Deficiência mental leve
El	Fem.	12	3ª. série	Deficiência mental leve
Fr	Fem.	12	5ª. série	Deficiência auditiva
Gi	Fem.	12	Classe especial	Deficiência auditiva

A identificação dos participantes foi feita junto a uma Delegacia de Ensino de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Realizou-se um levantamento das escolas que possuíam classe especial e instituições que atendiam crianças e adolescentes com deficiências. Feito o levantamento, foram escolhidas aleatoriamente quatro escolas e duas entidades que foram visitadas no sentido de solicitar permissão para a realização da pesquisa. Duas escolas recusaram-se e duas colocaram-se a disposição para realização da pesquisa.

A partir de então foram escolhidas: uma classe escolar que atendia a alunos com deficiência auditiva, uma classe que atendia ao deficiente físico e uma instituição que prestava atendimento pedagógico a alunos com deficiência mental. Entre eles foram escolhidos seis alunos sendo dois com deficiência auditiva, dois com deficiência física, e dois com deficiência mental leve que se encontravam integrados no ensino comum. Os professores indicaram as crianças que participariam do estudo.

A coleta de dados baseou-se na apresentação de seis desenhos e os alunos deveriam relatar o que estavam observando nos mesmos. Cabe ressaltar que todos os participantes apresentavam fala com exceção de um dos alunos com deficiência auditiva. Nesse caso específico, houve a necessidade de interpretação da professora da sala que dominava a língua de sinais. Os desenhos eram sugestivos e se relacionavam ao tema da pesquisa. A seguir apresentamos uma descrição destes desenhos:

- Desenho número 1 - Uma cegonha voando e carregando nas patas uma cesta. Dentro dela havia um bebê;

- Desenho número.2 - Um casal de ratos (Mickey e Minnie), passeando de mãos dadas e, entre eles, um desenho de um coração;
- Desenho número.3 – Um homem e uma mulher representado um casal. Ele com um ramalhete de flores na mão, ela com a mão na barriga aumentada (grávida). Em volta do casal, desenho de coraçõezinhos coloridos e ao centro (entre os dois), um coração maior;
- Desenho número.4 - Um casal, ela grávida com a mão na barriga e ele ao lado abraçado a ela, vestidos de traje a passeio;
- Desenho número.5a - Uma mulher sentada e amamentando um bebê;
- Desenho número. 5b - Uma mulher bem jovem de pé, amamentando um bebê;

Os relatos dos participantes foram gravados em fita magnética e posteriormente transcritos.

Análise dos relatos

A análise dos relatos abordou duas vertentes: 1) o tipo de discurso que identificava a percepção do desenho e sua interpretação; 2) a seleção de palavras pelos participantes que denotavam afetividade e sexualidade.

Na primeira vertente, os dados permitiram identificar dois conjuntos de informações: 1) percepção imediata do desenho; 2) discurso interpretativo.

Na percepção imediata os participantes descreveram o que o desenho apresentava, não criaram, não projetaram ou interpretaram as imagens, ou seja, eles descreveram os desenhos.

No discurso interpretativo os participantes fantasiaram, ou seja, imaginaram, criaram, contaram estórias, incluíram fatos que não existiam nos desenhos.

Na segunda vertente de análise, foi realizada uma investigação e contabilização de palavras que denotavam afetividade e/ou sexualidade que foram utilizadas na descrição de cada desenho, bem como quais os participantes

que as utilizaram. Exemplificando, foram utilizadas palavras como: amor, namorado, transar, entre outras.

Tipo de discurso utilizado

No Quadro 2 apresentamos a configuração geral do tipo de discurso utilizado pelos participantes em cada um dos desenhos.

Quadro 2 – Tipo de discurso utilizado pelos participantes da pesquisa

Participantes	Desen.1 Cegonha bebê	Desen.2 Mickey Minnie passeio	Desen.3 Casal Gravidez flores	Desen.4 Casal Gravidez passeio	Desen.5a Mulher Amamentando	Desen.5b Mulher Amamentando
Br.	P.I.	P.I e D.I.	P.I e D.I.	P.I e D.I.	D.I.	D.I.
Ta	P.I.	P.I.	P.I e D.I.	P.I e D.I.	P.I.	P.I.
Lê	D.I.	D.I.	P.I. e D.I.	P.I e D.I.	D.I.	D.I.
El	D.I.	P.I. e D.I.	P.I. e D.I.	P.I. e D.I.	D.I.	D.I.
Fr	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.
Gi	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.	D.I.

Notas: D.I. – Discurso Interpretativo
P.I. – Percepção Imediata

Pelas informações gerais no Quadro 2, podemos verificar que dois participantes Fr e Gi (ambos com deficiência auditiva) somente utilizaram o discurso interpretativo frente aos desenhos. Os demais participantes descreveram (percepção imediata) e interpretaram (discurso interpretativo).

A seguir passaremos a analisar o discurso de cada um dos participantes incluindo o seu relato.

Participante Br.

Br. tem deficiência física adquirida. Teve traumatismo cerebral, foi submetido à cirurgia, continua em tratamento. Frequenta classe especial. É uma criança curiosa, expansiva e com boa compreensão. Consegue desenvolver as atividades propostas, apesar de ter dificuldade em falar.

Ao observar o desenho 1, Br. inicia descrevendo o que vê, fala do pássaro que carrega o nenê, e que ele tem o cabelo amarelo. Diz que é igual o dele:

Eu estou vendo uma a-águia e o bebê numa é, é, numa cestinha, voando para o céu, aí um, um baninho donando o nê-nê-nê, ele está com o cabelo amarelo, que nem o meu, aí, aí, tem uma nuvem bonita e tem um patinho de bico vermelho e a patinha marrom, aí, aí, o passarinho, tam-bém que tem alguma coisa, e que a patinha dela leva um cestinha.

Ao observar o desenho 2, Br. começa descrevendo o que vê, a roupa e respectivos acessórios, a maneira de vestir e suas respectivas cores, fazendo transparecer a percepção imediata. Nota-se que tem pretensão de avançar no imaginário, *representa uma ratinha e um ratinho apaixonado*. Isto quer dizer que eles estão apaixonados, *andando pela floresta* e no final lembra-se de dar nomes aos personagens dizendo *O Mickey e a Minnie está amando*. O sujeito parte para a fantasia, criando uma história restrita, podendo ser considerado também como discurso interpretativo.

Tem um-ma ratinha e um ratinho apaixonado, andando pela floresta e um coraçãozinho no meio deles, aí, e tão um montinho de bolinha na vestidinha da ratinha, aí, e a sainha rosinha e o sapatinho do Mickey é... é marrom e depois tem ua-ma, uma graminha bonitinha e um fitinha, e arquinho, e uma orelhinha engraçada. Ah! O Mickey e a Mine está amando.

Ao observar o desenho 3, Br. Utiliza-se da percepção imediata e da descrição interpretativa: *a menina tá fazendo comida e o menino tá lutando caratê*, dando início a criação da história.

Tem um menino e uma menina, o menino tá dando a flor para a menina, e aí, aí, um monte de coraçãozinho frutuando em cima dele, e um coração bem vermelho; a menina tá fazendo não sei que, tá lá uma coisinha assim (gesticula dobrando os braços para frente), e tá fazendo comida e o menino tá lutando caratê, e aí, o menino e um coraçãozinho tá segurando a flor para não caí.

Ao observar o desenho 4, inicia criando estória: a menina já foi em casa trocou de roupa. O menino tá se encontrando de novo naquele lugar (discurso interpretativo). Utiliza-se também de descrições (percepção imediata).

Eu tô vendo um menino, o menino tá abraçando a menina, a menina já foi em casa e trocou de roupa. O menino e a menina tá abraçando e o menino também tá se encontrando de novo naquele lugar e a menina tá e a ...com a barrigona e com um colarzinho, e o menino tá com uma gravata e uma jaqueta.

Ao observar o desenho 5a, Br parece dar continuidade à estória quando inicia falando: *A menina tá com o bebê já nascido*. No discurso interpretativo, ele parte para o imaginário, cria *um banquinho*, onde a personagem senta-se e dá de mamar. Vejamos o resto da estória:

E aí, a menina tá com o bebê já nascido e tá, dano de mamá e a menina tá com o vestidinho azul, e aí, o bebê tá enrolado numa colcha e a mulher tá com as unhas vermelha e e ela tá falando. Tá sentada no banquinho e dano de mama pro nenê, e aí, e aí, aquele bebezinho tá carequinha, carequinha. E ela tá falando assim sentada e depois sentada na areia, aquela areia, aquela areia que não tinha banco e ela tava tirando o seio para fora e dano de mamá prá ele, prá ele, crescer e ficar forte, muito forte

Ao observar o desenho 5b., o sujeito utiliza-se do discurso interpretativo, criando, fantasiando a estória, dizendo que *a menina foi ao parque e sentou*, criou momentos antes da realidade contida no desenho.

A menina, a menina foi no parque e sentou, e daí, depois em pé e pôs, o depois o nenê na casa e depois pra dormir e depois pra dormir e depois pra papá de novo, e aí, o bebezinho tava dormindo no colo da mãe.

Participante Ta

Ta tem nove anos. Quando tinha cinco anos foi atropelado e teve leão cerebral. Apresenta dificuldade na fala, na coordenação motora e alteração de marcha. Mostra-se rápido nas respostas e comunicativo.

Ao observar o desenho 1, utiliza-se da percepção imediata: *É um pássaro calegando, ca-calegando nenezinho na cestinha, voando*. Não consegue desenvolver a estória. Cita *que o céu está lindo*.

Ao observar o desenho 2, fala da indumentária dos personagens. Não consegue desenvolver sua estória, utiliza-se apenas da percepção imediata:

O corpo está pintado de preto, a calça do menino de verde, o sapato do menino é marrom. Ele está de mão dada, olhando um para o outro. Ele tá namolando..

Ao observar o desenho 3, no primeiro momento utiliza-se da fala semelhante às anteriores, mas resolve criar uma pequena estória, dando nome aos personagens: *Felipe e Tatiana*.

A menina está usando um menino. Essa menina, está de mão dado com o menino, e essa menina está passeando com ele. Eu quero dar, dar um nome para ele que é Felipe e Tatiana, Tatiana tá com um planta na mão. Tatiana tá com um colação. Tatiana tá passeando. Tatiana tá de avental. Tatiana tá com baliga-gão.

Ao observar o desenho 4, Ta descreve roupas, posições e cores;

O menino está com cabelo amarelo, — o menino está com o sapato preto, a menina está com o, o-ver-di, a menina está com a peina - pei-na (perna) está puxada, e o bebê está na barriga da, da menininha, está com o cabelo ondulado, o menininho, ninho está com a garavata (gravata), o menininho está com a mão na cota da menina.

Em seguida dá o nome ao personagem, *ela é a Adriana, e o bebê está na barriga da menininha*. Cria uma pequena estória, com muita dificuldade, parando um pouco e continuando seu discurso interpretativo.

Percebe-se que Ta, tem noção do conceito de gravidez, conforme observação que faz do desenho 3: *Tatiana tá com baligão*. e do desenho 4: *o bebê está na barriga da menininha*.

Observando o desenho 5a, Ta descreve e interpreta que a menina está contente. Ao observar o desenho 5b, o sujeito apenas descreve o que se encontra no desenho, não cria estória, utiliza-se apenas do conjunto de informações que denominamos de percepção imediata.

A mãe da -da menininha tá dando mamá pra a menininha, está sentada em um banco, a mamãe tá com a criança, a me-nininha tá gostando e tá contente.

A menina está a - a - mamentando o filhinho dela, tá com o sapato verde, está com a blusa azul, está com a pintinha da sai-nha vermelha, está com vermelho.

O participante Ta desenvolveu suas estórias de forma restrita. No momento da entrevista pedia, constantemente, para desligar o gravador. Com o gravador desligado, criou nomes para os personagens do desenho 2, falou sobre namoro, e que *não se deve namorar escondido porque a mamãe não vai gostar*. Percebe-se que sabe o que é namorar e o porquê de a menininha estar *com barrigão*. Pelo relato podemos inferir que possui informação sobre gravidez e namoro. Podemos interpretar que esses conteúdos podem estar passando por um processo de repressão, primeiro pelo fato de pedir para desligar o gravador e, segundo, por afirmar que *não se deve namorar escondido e que a mamãe não vai gostar*.

Participante Lê

O participante Lê tem deficiência mental leve. Desde os seis anos de idade faz tratamento neurológico. Faz acompanhamento psicológico e reforço pedagógico. Está freqüentando a 3ª série de classe comum.

Ao observar o desenho 1, fantasia e cria estória, utiliza-se do discurso interpretativo.

Um neném abandonado. Numa casa abandonado e de repente uma cegonha pega a criança tão bonitinha que estava dormindo no cesto e leva para um orfanato, orfanato ou família e lá vai cuidar bem dela.

A idéia expressa no relato indica o tema abandono e o conceito de que a criança não vive sozinha. Podemos interpretar que a cegonha é vista como uma salvação para o *neném* que necessita do adulto para poder sobreviver.

Ao observar o desenho 2, utiliza-se do discurso interpretativo, fantasiando, dando nomes aos personagens do desenho (Mickey e Minnie) que são representados pelo casal de ratos: *Michey convidou a Mine para ir ao cinema e namorar*. Namorar para ele parece ser uma expressão que inspira amor, galanteio. Sua estória continua indicando que ambos estão *apaixonados*. Finaliza a estória relatando que assistiram a sessão número dois e combinaram para assistir outro filme.

Podemos interpretar que Lê parece abstrair conceitos como amor, paixão e relacionamento a dois.

Ao observar o desenho 3, Lê cria outra estória: *O papai e a mamãe tá indo ao hospital para ganhar o nenê*. Depois se volta para o desenho descrevendo que o papai está *dando a flor para a mamãe* e novamente interpreta que *a mamãe com a mão na barriga, e que está pronta para ir ao hospital*.

Pelos relatos podemos interpretar que Lê parece ter alguma informação sobre o tema gravidez e sobre nascimento. Esses conteúdos parecem repetir-se no relato do desenho 4.

Ao observar o desenho 4, Lê utiliza-se inicialmente da percepção imediata e posteriormente dá nomes aos *personagens*: *Luciano está colocando a mão atrás da costa e Maria com a mão na barriga*. Ele descreve as posições encontradas no desenho e completa utilizando-se do discurso interpretativo: o casal está apaixonado, batendo papo, tá indo para o ponto de ônibus para ir ao hospital.

Ao observar o desenho 5a, Lê usa o discurso interpretativo contextualizando a figura de uma mulher amamentando um bebê:

O nenê tava acabando de acordar e chorando, tava no berço chorando. Ele mamou bastante e ficou contente.

Ao observar o desenho 5b., Lê cria um ambiente para a estória. O discurso interpretativo, novamente, se faz presente.

A menina passeando, carregando o nenê, piquininho no parque de diversões, ela pegou e sentou no balanço e balançou o nenezinho para quando foi três horas, foi embora e deu de mamá no caminho.

Percebe-se em seu discurso que Lê possui conhecimentos reais e abstratos sobre aquilo que os desenhos sugerem. Apresenta facilidade em projetar conteúdos afetivos (amor, paixão, namoro) que se referem à sexualidade.

Participante El

El. tem doze anos, tem deficiência mental leve. Segundo informações da mãe esteve em tratamento e controle neurológico constante. Faz acompanhamento psicológico e recebe atendimento pedagógico. Apresenta dificuldade em relação à conduta e aprendizagem escolar. Ele está cursando a 4ª. série de classe comum, mas com muita dificuldade. Ainda não sabe ler e nem escrever corretamente.

Ao observar o desenho 1, El. inicia sua estória utilizando a imaginação, parte para o abstrato (discurso interpretativo), dizendo que: *A cegonha carregando um bebê, para uma família cuidar, voando para bem longe.* Inclui na estória a família e que está deverá cuidar do bebê. Continua o seu relato *bebê não vai ficar doente.*

Ao observar o desenho 2, El. Utiliza-se do discurso interpretativo, dando nomes aos personagens (Mickey e Minnie), diz que estão namorando, passeando, contentes e felizes. Posteriormente, começa a descrever o desenho com o uso de alguns adjetivos: *tem a grama verde e bonita.*

Ao observar o desenho 3, usa novamente o discurso interpretativo e a descrição: *o papai e a mamãe tá indo ao hospital para ganhar o nenê, ela tá com a barriga grande.* Em seguida descreve o desenho: *o papai tá dando a flor para a mamãe. E a mamãe com a mão na barriga.* Pelo relato podemos interpretar que tem algum conhecimento sobre gravidez e nascimento.

Ao observar o desenho 4, utiliza-se do discurso interpretativo e descritivo, começa nomeando os personagens (Luciano e Maria) *que estão namorando, batendo papo e Luciano está colocando a mão atrás da costã. A Maria está*

com barriga. Completa sua estória dizendo que o filho chama-se *Leonardo*, que a mãe está alimentando ele, porque ele acordou chorando.

Ao observar o desenho 5a, utiliza-se do discurso interpretativo, partindo para a fantasia, criando estória, dizendo que: *a mamãe tem um grande filho, muito bonitinho [...] a mamãe segura o filho com muito carinho, dá de mamã, tem que ensinar o filho a fazer as coisas, tem que ensinar e dar muita educação*. Pelo relato percebe-se a grande carga afetiva projetada sobre o relacionamento entre mãe-filho. Demonstra a preocupação sobre a orientação da criança em relação à educação.

Ao observar o desenho 5b, inicia sua estória utilizando o discurso interpretativo, criando, fantasiando, dando nomes aos personagens: *Adriana carregando a Tatiane no colo e indo ao parque no colo dela, para passear. Tatiane está gostando, e a Adriana carregando a menininha, que tem cabelo preto*. A ênfase na colocação dá impressão que irá desenvolver uma estória longa, mas de repente resolve parar. A impressão durante a coleta foi que El. parece ter cansado.

Fica evidente nos relatos que a apresentação dos desenhos para El. facilitou a projeção de conteúdos sobre afetividade, sociabilidade e sexualidade. Na apresentação de todos os desenhos utilizou-se do discurso interpretativo.

Participante Fr

FR. tem doze anos e possui deficiência auditiva severa. Faz tratamento com especialistas (otorrino, fonoaudiólogo). Com quatro anos de idade começou a freqüentar classe especial para deficientes auditivos. Atualmente cursa a 5ª série. Participa da comunidade religiosa junto com seus pais. Foi convidada pela ex-professora de classe especial para participar da entrevista.

Ao observar o desenho 1, cria uma estória com cunho religioso. Em sua estória o menino na barriga da mãe é obra divina:

Deus que criou o menino na barriga da mãe. Maria, José e o menino que se chama Jesus, que nasceu no hospital, Santa Casa; o menino nasceu no dia 22 de janeiro. Jesus é um lindo menino, bonitinho, a mamãe dele gosta muito, muito dele, ele mamava toda noite, chorava toda noite, ele era uma

gracinha, então, no aniversário dele, Deus deu uma música de passarinho, então, Deus foi cuidar dele, Jesus Cristo também amava muito o menino. Foi Deus que criou o menino na barriga da mãe.

Ao observar o desenho 2., Fr. inicia sua estória dando nomes aos personagens (Mickey e Minnie), e que se encontraram na casa de Minnie que *era bem grande e do Mickey também, foi chamá-la para ir ao cinema, depois passaram a namorar....no cinema pertinho da casa dele, na saída eles comeram doces, pipoca, para comemorar o aniversário dele.*

Pelo relato percebe-se que Fr. projeta vários conteúdos afetivos e apresenta sua concepção de namoro.

Ao observar o desenho 3, nomeia os personagens: Daniel e Daniela. Eles eram amigos desde criança e,

Daniel era briguento na escola, brigava com ela, com os amigos, e quando cresceram eles se apaixonaram. A mãe dele era brava, não deixavam eles namorar, depois de algum tempo ela disse: Vocês podem namorar agora, você pode se casar e ter filhos Eles se casaram para sempre e felizes, ela ficou grávida dele, nasceu um menino que se chamou Gabriel, o pai adorou muito e o menino parecia com ele e era muito charmosinho.

Percebe-se em seu discurso palavras carregadas de afetividade e sexualidade como amigos, namorar, casar e grávida. Essas palavras encontram-se dentro de um contexto aonde é possível abstrair algumas concepções: que a paixão surge inesperadamente; que ela está relacionada à maturidade (crescimento); que existe repressão por parte da família quando o tema é namoro; que o casamento é algo eterno e que a gravidez está relacionada ao casamento.

Ao observar o desenho 4, Fr. utiliza-se das mesmas concepções para contar sua estória imaginária (discurso interpretativo). Inicia falando do convívio escolar e também do trabalho, de namoro, paixão e casamento, e depois de gravidez: *Depois de dois anos, ela ficou grávida e eles ficaram muito alegres, Isabel abraçou muito José e ficaram muito contente.*

Ao observar o desenho 5a, sua estória inicia-se na maternidade: tinham várias mães e que (a do desenho chamava-se) *Marli ficou grávida de um rapaz e foi abandonada*. Percebe-se no discurso que a situação de gravidez lhe é familiar. Uma concepção nova que aparece é a existência de gravidez e abandono.

Sua estória continua: *o filhinho chamava-se Gabriel Ferreira é a mãe Marli Ferreira, daí, a mãe dava mamã para ele, o nenê tem que se alimentar para não ficar fraquinho, precisa alimentar para ficar forte, para crescer, para ficar inteligente*.

Percebe-se que a participante coloca em seu discurso conteúdos sobre afetividade, sexualidade, amor, paixão, relacionamento social e alimentação.

Ao observar o desenho 5b, Fr. inicia sua estória utilizando discurso interpretativo, dando nome à personagem que se chamava Gabriela:

Ela namorou quando era bem novinha, aos quatorze anos, ficou grávida e sua mãe não sabia, ela achava que quando sua mãe souber ia ficar brava. Por isso chorou muito e queria fugir, mas, seu namorado disse que não devia fugir, porque precisa de alimentação para o filhinho. Então, ela resolveu não fugir, contar a verdade para a mãe, porque não deve enganar, deve contar certinho, assim ela não vai ficar brava.

O sujeito coloca no contexto a preocupação com o bebê, sobre o convívio harmonioso com a mãe. Percebe-se no discurso a riqueza de abstração, a formação cultural e moral, sua concepção sobre sexualidade e maternidade.

Participante Gi

O participante Gi tem doze anos e possui surdez profunda. Comunica-se através de sinais. Foi necessário um interprete para poder descrever o que estava pensando a respeito dos desenhos. Durante a coleta ficou atenta para compreender o que estava sendo falado. É comunicativa e, segundo as informações coletadas na escola, tem bom relacionamento na classe e em casa.

Ao observar o desenho 1 – Gi utiliza-se do discurso interpretativo:

O pássaro vai levar o nenê para a casa da mulher, vai de noite. Quando a mamãe acordar ela vai ver o nenê lá.

Podemos inferir que Gi repete a estória da cegonha que deve ter conhecimento. Essa estória predominou durante muito tempo escondendo das crianças a situação de gravidez e nascimento. Nos discursos que seguem percebe-se sua clara compreensão de gravidez.

Ao observar o desenho 2, Gi coloca os personagens do desenho como namorados e que: *os dois estão passeando, namorando, conversando e contentes. Eles se amam e vão transar.* Na verbalização de que amam e vão transar, percebe-se que o sujeito sabe o significado sobre sexualidade e sexo.

Ao observar o desenho no. 3, Gi parece continuar a estória: *Eles vão se casar, colocar a aliança no dedo. Se beijam muito de noite e ela está grávida de dois bebês.*

Ao observar o desenho 4, Gi apresenta as concepções sobre gravidez e nascimento: *Papai está gostando, porque a mamãe vai ganhar nenê. Ele está levando ela para o hospital. Percebe-se que o sujeito tem conhecimento de sexualidade e que para ganhar o nenê deve ir para o hospital, depois continua dizendo que: vai tomar soro e vai gemer e vai cortar a barriga e vai tirar o nenê.* A seqüência dos acontecimentos parece estar baseada em fatos do cotidiano.

Ao observar o desenho 5a, Gi elabora mais uma estória, incluindo um casal (papai e mamãe) que *tem um nenê, ele chora e a mamãe pega no colo, antes de dar mamã, tenta acalmá-lo dizendo: calma ! Calma! Fica quietinho, papai foi trabalhar e a mamãe ficou em casa e a noite o papai volta.* Pelo discurso percebe-se a projeção de situações comuns na vida familiar.

Ao observar o desenho 5b, a estória parece continuar:

O nenê já cresceu um pouquinho. A mamãe pega ele no colo, ele dorme tranqüilo, gostoso. A mamãe vai pegar o carrinho de dia e vai na rua para passear com o nenê. Levou a mamadeira junto para dar para ele A roupa do nenê é cheirosa, ela dá banho nele e ele vai crescer

O discurso da participante Gi foi totalmente interpretativo. Projetou nos desenhos conteúdos afetivos, sexuais, vivência em família, seu conceito de concepção e de gravidez. Todos esses conteúdos aproximam-se muito de fatos

reais. Sua projeção elenca afeto, cuidado com bebê, carinho, atenção, ou seja, necessidades básicas de todo ser humano.

Uma questão que ainda a ser analisada é sobre a utilização de palavras que denotam estados afetivos. Como o discurso foi traduzido da língua de sinais para a língua oral fica difícil uma correlação perfeita entre essas duas modalidades.

Seleção de palavras que denotam afetividade e sexualidade

Ao analisar as palavras dos discursos, identificamos um conjunto delas que expressam afetividade e sexualidade. A seguir, no Quadro 3, apresentamos a contabilização das palavras utilizadas.

Quadro 3 – Apresentação das palavras que expressam afetividade e sexualidade e indicação do desenho que propiciou a seleção das mesmas

Alunos com	Deficiência Física		Deficiência mental		Deficiência auditiva	
	Br	Ta	Lê	El	Fr	Gi
Palavras/Partic.	2,4		4	5a	1-2	2
Amor						
Amigos	3	2,3,4			2-3-4	
Abraçando	4	4			4	
Namorando	4	2	2,4	2,4	5 ^a ,5b,2,3	2
Beijos					4	3
Apaixonado		2	4		3,4	3
Transar					2	
Casaram					3,4	3
Indo ao hospital ganhar nenê			3,4	3	1,5a	4
Barriga/ Barrigão	4	3,4	3,4	3-4	1	4
Grávida					3,4,5a,5b	3
Mamar	5 ^a ,5b	5b	5 ^a ,5b	5a	1,5a,5b	5 ^a ,5b
Contente/ feliz	5a	2,5a	2,5a	2,5b	4,5a	2,4
Abandono/fuga				1		5 ^a ,5b
Levar o bebê para a família			1	1		
Total	10	10	14	10	30	12

Nota - Os números no interior do Quadro 3 correspondem aos números dos desenhos apresentados aos participantes

Ao analisar quantitativamente o Quadro 3 podemos notar que, quanto ao número de palavras que expressam afetividade e/ou sexualidade utilizadas para descrever os desenhos, não houve grande diferença entre os participantes. Exceção se faz com o participante Fr., que utilizou trinta palavras. Porém, ao fazermos uma análise baseada nas categorias de deficiência, podemos verificar que os alunos com deficiência auditiva foram os que utilizaram uma maior variedade de palavras, principalmente, aquelas que expressavam sexualidade. Esse dado é interessante, pois um dos problemas levantados na área de deficiência auditiva se relaciona ao déficit de vocabulário dessas crianças. Duas questões poderiam ser abordadas aqui. A primeira delas se relaciona à tradução que foi realizada por uma professora: Seria realmente o vocabulário do aluno Fr. que atingiu trinta palavras ou o vocabulário era do tradutor? Porém, isso não se aplica no caso de Gi, que apresentou também uma grande variedade de palavras para descrever suas estórias a partir dos desenhos. Nesse sentido levantamos uma segunda hipótese: o tema abordado traria um conteúdo que provocaria, especialmente para o aluno deficiente auditivo, uma maior variedade de palavras ou, analisando de outra forma, os desenhos apresentados possibilitaram uma grande riqueza de projeção desses conteúdos, para essas crianças.

Outro dado interessante é que as palavras *mamar*, *barriga/barrigão* foram utilizadas por todos os participantes da pesquisa e, a palavra *grávida*, somente foi utilizada pelos alunos com deficiência auditiva.

Nessa mesma linha de análise, podemos notar que as palavras utilizadas pelos alunos com deficiência física tiveram, na maioria, conotação afetiva (*amigos*, *contente*, *feliz*, *amor*, *abraçando*). Talvez não haja correlação com o tipo de deficiência mas sim com as idades dessas crianças (8 e 9 anos) já que os outros participantes tinham 12 anos. Como salienta Gherpelli (1995), a sexualidade fundamenta-se em aspectos biopsicossociais de cada indivíduo, constituída de três elementos primordiais: o potencial biológico, o processo de socialização e a capacidade psicoemocional. Assim, a questão da idade seria um fator biológico importante para a manifestação da sexualidade. O mesmo autor salienta que aos 12 e 13 anos os jovens possuem a consciência de sua capacidade orgânica e podem fazer escolhas dentro do campo afetivo, emocional e sexual.

Assim, não só elegem alguém como objeto de seu desejo e amor como também se fazem escolhidos, amados e desejados pelo outro (Gherpelli, 1995, p.93).

Conclusões

Os dados nos levam a concluir que os procedimentos adotados para a realização da pesquisa (desenhos) foram eficazes para a projeção de conteúdos que expressavam sexualidade e afetividade. Os participantes pouco ficaram inibidos frente a esses procedimentos o que garantiu a coleta de informações.

Uma questão que necessita ser investigada é: e se os mesmos desenhos fossem apresentados para alunos sem deficiência? Teríamos os mesmos resultados? Os desenhos levariam a projeções de conteúdos afetivos e sexuais? Haveria uma maior repressão sobre o comportamento de contar estória tendo como apoio os desenhos?

Finalizando, o estudo demonstrou que os participantes, alunos com deficiência física, auditiva e mental apresentaram concepções sobre amizade, namoro, casamento, gravidez, parto, cuidados com o bebê usando de seu vocabulário e de suas capacidades cognitivas. Alguns chegaram usar palavras como abandono e solidão, provavelmente, projetando o temor dessas situações. Porém, uma maior investigação do tema sexualidade da criança deficiente se faz necessária para desmitificar as interpretações que comumente são apresentadas e, principalmente, para fornecer ao professor subsídios para a sua prática em sala de aula.

Referências Bibliográficas

- ALBERONI, F. *Enamoramento e amor*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.
- ASSUMPTÃO JUNIOR, F. B.; SPROVIÉRI, M.H. *Deficiência mental, família e sexualidade*. São Paulo: Mennon, 1987.

- FOUCAUT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda., 1985.
- GHERPELLI, M. H. B. V. *Diferente, mas não desigual: a sexualidade do deficiente mental*. São Paulo: Gente, 1995.
- VAINFAS, R. (Org.) *História da sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.